

Solo seco, mas literatura florescente: as raízes historiográficas dos movimentos literários em Fortaleza (1813-1892)¹

Cícero João da Costa Filho²(Pós-Doutorado, FFLCH/USP)

Resumo

As condições do meio e a situação de miséria social foram temas recorrentes na produção de romances cearenses. As constantes secas em um meio que impedia o progresso social se mostrava o principal fator na visão da crítica literária cearense. Mas, do trágico quadro emergia a valentia do tipo cearense, marcando a singularidade da terra de Iracema. No campo das letras a fertilidade de grêmios literários foi significativa, sendo Fortaleza uma das províncias mais prósperas no florescimento das letras, iniciando sua atividade literária com os *Oiteiros* e tornando-se conhecida no Brasil e no exterior, com a *Padaria Espiritual*. De forma paradoxal, foi a partir de um meio adverso que a crítica pontua as atividades literárias em Fortaleza, denotando um olhar elitista condizente ao olhar dos homens de letras. Nessa ótica, figuram homens de mentes geniosas empreendendo movimentos que visam o sublime, com seus homeros, imerso em um meio diferente a população geral com suas preocupações diárias, sobretudo em busca pela sobrevivência. De 1813 a 1892, a crítica literária cearense reverberou as adversidades do meio cearense a fim de salvaguardar de posições de homens bem situados na estrutura social, no caso, os polígrafos agremiados nos grupos literários.

Palavras chaves: Cultura, Política, Fortaleza, Literatura, Século XIX

Abstract

The conditions of the environment and the situation of social misery were recurrent themes in the production of novels from Ceará. The dry constants in a medium that impeded the social progress was the main factor in the vision of the literary critic of Ceará. But from the tragic picture emerged the bravery of the Ceará type, marking the singularity of the land of Iracema. In the field of letters the fertility of

¹ Este artigo é uma adaptação do primeiro capítulo da minha dissertação de mestrado, intitulada *Padaria Espiritual: cultura e política em Fortaleza no final do século XIX (1892-1898)*, defendida em 2017, sob orientação do Prof. Marcos Napolitano, no Programa de História Social da FFLCH-USP.

² Realizou os cursos de mestrado, doutorado e pós-doutorado em História no Programa de História Social, este finalizado em 2017, pela FFLCH/USP. Ministrou no primeiro semestre de 2016 (06/04 a 29/06) a disciplina *Raça, Política, Literatura e Sociedade em Sílvia Romero*, no programa de pós-graduação da FFLCH/USP. Vinculado ao GEINT (Grupo de estudos do integralismo), editor associado da Revista *Nordestina de História do Brasil*. Autor dos livros: *Padaria Espiritual: cultura e política e Fortaleza no final do século XIX (1892-1898)* (Ed. LCTE, 2016); *Sílvia Romero: literatura, raça e política (1851-1914)* (Ed. Porto de Ideias, 2017); *O Brasil e o brasileiro de Sílvia Romero: a contribuição das raças, 1851-1914* (Ed. Todas as Musas, 2017); *Forças do mal: os prejuízos 'raciais' da figura do judeu na produção integralista de Gustavo Barroso (1937-1937)* (Ed. Todas as Musas, 2019) (Org). *Visões autoritárias: reflexões sobre o pensamento conservador no Brasil do século XX*. (Ed. Todas as Musas, 2019).

literary groups was significant, Fortaleza being one of the most prosperous provinces in the flowering of letters, beginning its literary activity with the Oiteiros and becoming known in Brazil and abroad, with the Spiritual Bakery. In a paradoxical way, it was from an adverse mean that the critic punctuates the literary activities in Fortaleza, denoting an elitist look that is consistent with the eyes of men of letters. In this view, there are men of geniuses who undertake movements that aim at the sublime, with their homeros, immersed in a different environment from the general population with their daily preoccupations, especially in search of survival. From 1813 to 1892, Ceará's literary criticism reverberated the adversities of the middle of Ceará in order to safeguard from positions of men well placed in the social structure, in this case, polygraphs joined in literary groups.

Keywords: Culture, Politics, Fortress, Literature, 19 Th Century

Introdução

Durante a segunda metade do século XIX, polígrafos cearenses e de outras naturalidades produziram um discurso histórico e literário a partir dos preceitos do cientificismo europeu. Determinismo (racial e mesológico), positivismo e evolucionismo delinearão as leituras sociais daqueles. Jovens bacharéis, médicos e escritores sem formação acadêmica, por meio de ensaios, crônicas ou romances criaram o imaginário de crise, em decorrência das constantes secas, que dificultavam o florescimento da civilização, de modo específico, das *belas letras*. Assim, a temática da seca e as inclemências do meio determinavam a pobreza das letras no Ceará, argumento maior da elite intelectual e econômica.

Nesse texto vamos analisar a partir de romances, periódicos, ensaios e trabalhos historiográficos, o desenvolvimento da literatura cearense, considerando principalmente os movimentos literários, donde a assimilação das ideias alienígenas, ao mesmo tempo que a irradiação da literatura das terras alencarinhas noutras plagas.

Marcada pelo pensamento europeu, veremos que os conceitos de evolução, civilização, progresso e barbárie deram a tônica das leituras sociais cearense, de modo específico, da atividade letrada. Da *Academia Francesa* até o movimento dos padeiros, como era modelo das interpretações sociais na segunda metade do século XIX, os intelectuais avaliavam o grau evolutivo (de desenvolvimento), conforme o pensamento europeu que considerava o saber histórico preso à verdade, donde a certeza documental e a passividade do escritor na construção do conhecimento.

Literatura Cearense

Grande parte dos estudos que investem na análise dos aspectos beletrísticos no Ceará, buscam o *pontapé inicial* da atividade literária e sua evolução ao longo do tempo. Embora trabalhos importantes como o de Dolor Barreira, historiador da literatura cearense e membro do Instituto do Ceará, esta obra não relaciona o surgimento das atividades literárias aos interesses econômicos, num momento de uma “maior circulação de riqueza”. Não se verifica neste estudo uma relação entre campo intelectual e campo político. As raízes da historiografia cearense são a economia, devido à criação de gado, possibilitada pela extensão de terras e de pastos (GIRÃO, 1947) e os aspectos geográficos que caracterizam o Ceará como uma sub-região, pobre e seca. Dessa forma, o Ceará é considerado seco, com um povo “bárbaro”, possuidor de um solo arenoso (SOBRINHO, 1939), fadado às grandes instabilidades da seca. Esta é a tônica que norteiam os trabalhos literários, dando até certo ponto uma unidade regional (SILVEIRA, 1984; ALBUQUERQUE, 1999; PENNA, 1992; MARTINS, 1977)

Os primeiros observadores do Ceará (cronistas, religiosos ou leigos) que comandavam as entradas descrevem os aspectos físicos da região afeita à economia de criar gados em detrimento da atividade agrícola. Diogo de Campos Moreno, em sua obra *Livro da Razão do estado do Brasil*, escrito em 1613, a partir de observações de Diogo de Menezes, já traçava os aspectos físicos da terra cearense (RODRIGUES, 1959). Em suma, sua obra, assim como as observações de D. Diogo de Menezes, tomadas a pedido do rei, revelam o destino de um Ceará “determinado” pela pobreza do seu solo e por sua economia de criar gados, “A seca e a criação, condições geográficas e vida econômica haviam de ser as determinantes da formação da nova Terra” (GIRÃO, 1947, p. 10)

A economia e as condições geográficas constituem o fundamento da historiografia literária cearense. São as condições materiais, marcadas pelo fenômeno das secas, que norteiam a historiografia supracitada. Nessa perspectiva, surgiu o Instituto do Ceará, que tinha como objetivo principal delinear o caráter ou o tipo cearense, sendo influenciado por Hipólito Taine (1828-1893) e Henry Thomas Buckle (1821-1862), pensadores que marcariam, de modo específico, a partir de 1870, as ideias dos intelectuais da *Academia Francesa*.³ Para Raimundo Girão, eminente historiador dos aspectos da cultura cearense no geral:

³ *Mocidade Cearense* é a designação utilizada por Gleudson Passos Cardoso ao grupo de intelectuais que encabeçou os movimentos literários e filosóficos da época, da *Academia Francesa* à *Padaria Espiritual*, utilizando as letras como forma de alcançar as instituições públicas, uma vez que a educação desde o Império estava voltada para a política ou para o funcionalismo público de tradição fortemente bacharelesca, encapada sob as Faculdades de Direito e de Medicina. Nesse período, não se dissocia tão facilmente os setores urbanos

É de antigo cronista das coisas do Brasil colonial, Ferdinando Denis, o conceito de que bem se poderia considerar história do Ceará, a história de suas secas.

Com efeito, de tal maneira se vem repetindo o fenômeno através dos séculos e de tal modo ele interfere destrutivamente na evolução humana cearense, que, na verdade, a tortura climática invade a alma do povo já recebendo diretamente o impacto da desgraça, ele próprio martirizado de sede e de fome, já o relembrando penosamente depois de passada a tormenta (GIRÃO, 1984, p. 243)

A fundação do Instituto do Ceará, em 4 de março de 1887, (GIRÃO, 1984, p. 353) tem como objetivo principal criar uma identidade local e às vezes regionais. Buscando as origens do povoamento cearense, os *homens de letras* do Instituto atribuirão grande relevo às condições materiais da região. Preocupado também com os aspectos geográficos e históricos os intelectuais do Instituto do Ceará procurariam se deter nos problemas locais, por vezes regionais. Daí os estudos estatísticos, sobretudo os de Guilherme Studart e Tristão Alencar Araripe, com relação aos seus aspectos etnográficos⁴. Conforme José Honório Rodrigues, utilizando-se de E. Grasse, “a atividade econômica é o centro vital de todo o conjunto cultural e condiciona do modo mais profundo e irresistível os outros fatores culturais”. (RODRIGUES, 1959, p. 12)

A criação de gado não careceu da mão de obra escrava em decorrência da mão de obra indígena. Foi do contato com essa cultura aborígine, interagindo com o português “civilizado”, que se esclarece o sentido da literatura cearense em meio ao pastoreio, coberta pelo fanatismo, grandes crimes, secas e etc (RODRIGUES, 1959, p. 14). A síntese cultural de índios e brancos resultou numa cultura “menor” em relação à cultura “civilizada”. Apesar da imposição da cultura europeia, o gentio resistiu e os valores civilizados se diluíram porque foram atingidos por suas tradições culturais. Crises históricas, fanatismo, crimes políticos e

das clássicas oligarquias, pois alguns intelectuais desses setores eram herdeiros diretos de tais oligarquias. A especificidade da *Mocidade Cearense* é seu apelo às letras como suporte legítimo para ações políticas, tendo no discurso científico seu maior aporte. Lembremos que Sânzio de Azevedo discorda desta definição. AZEVEDO, Sânzio de. Grêmios Literários do Ceará. In: História do Ceará Coord. Souza Simone de. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Fundação Demócrito Rocha, Stylus Comunicações, 1989. pp. 180-192. CARVALHO, José Murilo de. A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro das sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. ADORNO, Sergio. Os aprendizes do poder. O bacharelismo liberal na política brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. CARDOSO, Gleudson Passos. República das letras: literatura, Imprensa e política (1873-1904). Dissertação de Mestrado defendido no Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

⁴ Os célebres trabalhos acima aludidos são respectivamente. BRASIL, Thomaz Pompeu de Souza. Ensaio Estatístico da Província do Ceará. Fortaleza: Typ. B. de Matto, 1864. ARARIPE, Tristão de Alencar. História da província do Ceará: desde os tempos primitivos até 1850. Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha, 2002.

toda sorte de violência que reinam no sertão, sobretudo o atentado à própria vida são para José Honório Rodrigues, reações a esta cultura “civilizada”. (RODRIGUES, 1959, p. 16)

O *tipo* cearense não só é fruto do cruzamento de índios e brancos, como é fortemente influenciado pelas forças do meio. Pode-se dizer que esta ideia é fundamental para a compreensão da atividade historiográfica, que paradoxalmente cria vultos literários, num meio hostil. Segundo Antônio Bezerra:

A inexorabilidade das secas, longe que seja um mal, traz, no entanto, para o cearense a sua distinção, a sua superioridade, a sua glória, pois que, não tendo que confiar nos recursos da natureza, vai procurar melhores condições de vida por toda a parte do universo. Sóbrio, afeito ao trabalho pesado para conseguir o pão de cada dia, é educado desde criança na escola da adversidade e do sofrimento. Não tem que estranhar infortúnios. (BEZERRA, 2001, pp. 2-3)

É justamente dessa hostilidade do meio tão bem instrumentalizada pela historiografia literária cearense que surge o vitorioso tipo cearense, valente, resistente às intempéries do meio. Esse tipo cearense deseja a emancipação⁵. Para José Honório Rodrigues:

A paixão pela gente, o advérbio de Arnold, e pela terra árida e que não pode fazer progressos vantajosos, pelas imigrações contínuas, ocorrências de secas e padecimentos de moléstias daí providas e que tudo faz definhir, faz nascer o desejo de se conhecer melhor o passado, de saber os motivos de um presente tão pouco promissor. Ainda mais quando as tempestades do confuso presente estão cheios de tons trágicos gerados pelas crises climáticas, econômicas e etnográficas, a que nos referimos. Na seca, na miséria, no crime e no fanatismo existe dramaticidade ainda maior, por isso mesmo que a coerência de sua sucessão implica numa ansiedade maior que a batalha, cuja recorrência não se verificou nem se verificará (RODRIGUES, 1959, p.19)

⁵ Fustigado pela necessidade de acercar-se de comodidades, neste embate de ações e reações criando artifícios que tivessem decidido valor para resistir á pujança dos agentes phisicos, o cearense foi avigorando o poder da vontade, a inteligência, e adquiriu esse pendor característico para as aventuras e facilidades de assimilação de todas as inovações, que se lhe apresentam. Producto do cruzamento de raças pouco adiantadas, como a portuguesa, a aborígene e a africana, não possuía ainda o cearense, há quatro séculos, o poder da civilização, da arte, que conseguisse utilizar em proveito do próprio homem as forças cósmicas, as leis da natureza e, muita vez, apagar os traços climatéricos. Quem conhece o processo ethnico da constituição da raça brasileira, não estranha certamente que affirmemos que há algumas centenas de annos o viver das populações deste recanto do Norte, era quase primitivo, rudimentar. Era então a acção da intelligencia do homem quase impotente sobre as leis phisicas. A natureza retratou-se-lhe n'alma, imprimindo-lhe essa ardência e impetuosidade que ainda hoje o assignala. A Mulher Cearense. In: A Quinzena. Propriedade do Club Litterario, Anno I, nº 2, 1887, p.2.

Combatendo o pensamento de Capistrano de Abreu, para quem não havia no Ceará acontecimentos estrondosos que figurassem uma “histórica política” realizada por grandes acontecimentos, José Honório Rodrigues como se depreende da citação acima, encontra elementos constituintes para erigir uma historiografia literária cearense a partir das mazelas sociais provocada pelo flagelo das secas. O escritor encontrava nessas mazelas sociais a matéria-prima, elemento ainda mais *estrondoso* capaz de constituir ou até mesmo suplantar uma história dos grandes acontecimentos⁶. O maior nome desta historiografia é Guilherme Studart, um dos fundadores do Instituto do Ceará com sua obra *Datas e Factos para a História do Ceará*, lançado em 1896, pela tipografia Studart.⁷

Cabe salientar que os homens de letras reunidos em torno do Instituto do Ceará produziram uma história de efemérides, uma história presa à concepção de verdade. Perscrutando os documentos, cabia ao historiador narrar a verdade dos fatos. Em suma, era narrar tal e como aconteceram os fatos históricos do passado (OLIVEIRA, 2001).

Imprensa partidária, imprensa literária

A imprensa foi juntamente com as rodas literárias (grêmios) o veículo de atuação dos escritores envolvidos com a divulgação da historiografia cearense. Nas colunas e folhetins, depois saídos em formas de livros, a atividade jornalística do período veiculava desde matéria específicas sobre enredos de romances até intrigas partidárias de ataques e contra-ataques (MONTENEGRO, 1980). Consolidando o argumento de uma província pobre e atrasada, com

⁶ A escola positivista francesa cujos maiores expoentes foram Langlois e Seignobos privilegiou o documento em detrimento da análise histórica. Preocupada com a verdade a escola positivista baseava-se na objetividade dos fatos sobrepondo a qualquer tipo de acidente histórico. Para o historiador positivista o documento fala por si só, nele está a verdade dos fatos passados “assim” como estes aconteceram. Daí o privilégio do evento, acontecimento, grosso modo, da história política ou oficial, o que não necessariamente corresponde a datas e fatos como lembra Fernand Braudel. Durante grande parte de sua existência a concepção positivista em história esteve indissociável da história militar dos reis envolvidos em suas batalhas políticas, daí a primazia pelo acontecimento, ruidoso, mas de pouco fôlego. A essa visão de verdade histórica o movimento dos *Annales* irá se contrapor. Tendendo a uma aproximação com as demais ciências humanas, a *nouvelle histoire* irá propor por uma história onde prevaleça as estruturas, uma história elaborada não a partir do acontecimento, mas sim das estruturas que resistem a uma longa duração. A *nouvelle histoire* irá introduzir novos métodos e permitirá uma visão diferente com relação a verdade do documento, e por sua vez, da história, indagando não só pela autenticidade do documento, mas sim pelas formas de conceber a ciência histórica. LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Unicamp. 4^o Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p. 106. Ver também A História Nova. São Paulo: Martins Fontes, 1990. REIS, José Carlos. *A história entre a Filosofia e a ciência*. São Paulo: Ática, 1996. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

⁷ O terceiro volume da obra a qual nos referimos data de 1924.

um futuro nada promissor, os termos civilização e progresso eram uma constante numa Fortaleza de costumes bárbaros.

Dolor Barreira, seguindo o pensamento do crítico literário Silvio Romero, fundador da Escola do Recife, procura traçar um quadro dos aspectos culturais do povo cearense. O autor pretende realizar um compêndio, sinopse ou síntese, o que parece ambíguo, de todos os aspectos culturais. Preso ao pensamento esquemático comprometido com a verdade, Barreira seleciona os verdadeiros escritores formadores da *História da Literatura Cearense* (BARREIRA, 1986). O trabalho do autor citado é marcado por “datas” e “fatos”, o que revestiu e permeou as análises sociais dos “homens de letras” abrigados nos institutos históricos e academias, com o intento de buscar as origens do saber historiográfico.⁸

Desse modo, logo no início do trabalho Barreira procura negar as posições do pensador católico Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde); do padreiro Antônio Sales e do historiador da literatura cearense, Cruz Filho, a respeito do *pontapé inicial* da atividade literária cearense. Para o padreiro Antônio Sales, o início da atividade literária no Ceará se deu em 1856 com a publicação no Rio de Janeiro de *Prelúdios Poéticos*, do poeta cearense Juvenal Galeno, autor da importante obra *Lendas e Canções Populares*. Para Cruz Filho, é em 1872 que se inicia propriamente a atividade literária no Ceará, certamente devido às atividades das leituras e disseminação das ideias científicas em torno do grupo composto por Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, Xilderico de Farias Thomas Pompeu, França Leite, dentre outros (BARREIRA, 1986, p. 69). Já para Tristão de Ataíde, é em 1859, com a presença do escritor romântico Gonçalves Dias no Ceará que se deve o início das atividades literárias,

⁸ Reunidos na *missão civilizadora* de criar uma história nacional, os homens de letras do IHGB, fundado no Rio de Janeiro em 1838, buscavam os elementos que servisse de suporte a ereção de uma história brasileira. A preocupação maior do IHGB era assim legitimar uma ordem escravista e pois tradicional. O grande mecenas deste projeto seria o próprio imperador Pedro I. A história fabricada pelos homens do IHGB de intrínseca ligação com os elementos imperiais e de forte sentimento nacional seria marcada pela busca das origens, de onde “iniciasse” a verdadeira história nacional brasileira. A pretensa busca pelas raízes, daí o caráter de “selecionar” para melhor “narrar” a história nacional brasileira marcaria as atividades dos “homens de letras” reunidos em torno do IHGB, dentre eles Varnhagem e Capistrano de Abreu. Ver SCHWARCZ, Lília Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e a Questão Racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 1993. SCHAPOCHNIK, Nelson. *Como se escreve a história?* São Paulo: Revista Brasileira de História. V. 13, nº 25/26, 1992. pp. 67-80. GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *Nação e civilização nos trópicos. O IHGB e o projeto de uma história nacional*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, nº 1, 1988. Pp. 5-27. SANDES, Noé Freire. *A invenção da nação: entre a monarquia e a república*. Goiânia: Ed da UFG: Agência Goiana de Cultura Pedro Lindovico Teixeira, 2000. REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil*. De Vannahgem a FHC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. CHAUI, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000. SANTOS, Mariza Veloso Motta & MADEIRA, Maria Angélica. *Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

A nós parece-nos, data venia, que não tem razão, nem Antonio Sales, nem Tristão de Ataíde, nem Cruz Filho.

É que se impõe recuar, como já tivemos ensejo de dizer, para o ano de 1813, a balisa inicial das nossas letras, nesses famosos oiteiros, onde, efectivamente, expele os primeiros balbucios a nascente literatura cearense (BARREIRA, 1986, p. 69)

Apesar de Dolor Barreira salientar a condição econômico-material como fator condicionante para a elaboração e o florescimento das letras em torno dos inúmeros grupos literários, a leitura de sua obra oculta os reais interesses enrustidos na atividade literária que prometiam subtrair o atraso de Fortaleza e deitá-la nos braços do progresso e da civilização, o que coube, de forma específica, aos movimentos do *Clube Literário* em 1886, e seis anos depois à *Padaria Espiritual*⁹.

São muito vagas, embora muito significativas, devido à grande gama de informações que traz seu trabalho, as condições percebidas por Barreira na participação dos fatores econômicos para o surgimento e qualidade da atividade literária cearense. O que permite a leitura da obra de Barreira, quando muito, é a constatação dos inúmeros movimentos culturais girando em torno de suas respectivas escolas, narrando de forma contínua estes movimentos sem relação alguma com os aspectos econômicos, contribuindo para uma história das ideias cearenses.

Os movimentos literários são concebidos e analisados como movimentos artísticos que tendem ao sublime, resultado que são de mentes engenhosas, feito por vultos literários com suas 'literatices' que apaixonam o leitor, capacitando assim uma identidade local coberta por laços cada vez mais afetivos ao seu torrão, a sua terra amada. O resultado é uma literatura regional feita por 'tipos', como forjaram os homens do *Clube Literário* e, tempos depois, os integrantes da *Padaria Espiritual*.

Não se encontra no trabalho de Barreira relação alguma com a formação das novas classes, fruto do reordenamento político das novas forças do capital em que a aristocracia de terra perdia espaço para classes ligadas as novas atividades comerciais, como por exemplo, os

⁹ Dentre os inúmeros movimentos culturais aparecidos em Fortaleza a partir da década de 70 do século XIX em decorrência das flutuações econômicas carreados pelas nascentes classes médias urbanas, os movimentos do *Club Literário* assim como o da *Padaria Espiritual* foram essencialmente literários, no sentido de proporem subtrair uma sociedade indiferente as atividades letradas a partir do estímulo as artes e ciências, ao passo que o abolicionismo cearense atuou de forma precisa na instalação da república por meio da instrumentalização das ideias evolutivas. Analisaremos ao longo do trabalho estes aspectos.

setores de bacharéis da Geração 1870, o que dá sentido à instrumentalização das ideias por estes grupos e sua aposta pelo campo das letras, afim de atingirem espaço no futuro estado republicano (TINHORÃO, 1966). O que interessa para o autor é elencar os grupos literários, primando por suas contribuições na evolução da literatura cearense (ADERALDO, 1984).

Tomando por base o movimento político em torno da abolição dos cativos durante os anos de 1880 a 1884, momento muito significativo no quadro traçado e construído por Barreira, em que os *homens de letras* revelaram-se verdadeiros poetas como Antônio Bezerra, Antônio Martins e Justiniano de Serpa (os “três poetas oficiais do Abolicionismo”) (SALES, 1939), o autor não relaciona os ideais românticos a serviço de uma “maior circulação de riqueza” (TINHORÃO, 1966), constituído e elaborado por homens empregados das grandes casas comerciais¹⁰ de Fortaleza.

Barreira diluiu o teor político do movimento abolicionista - segundo Tinhorão em *A Província e O Naturalismo*, fase mais marcante do pensamento literário cearense - preocupando-se com associações e com as influências de poetas do romantismo brasileiro, como Castro Alves e Guerra Junqueiro aos “três poetas oficiais” do abolicionismo cearense. As possíveis posturas intelectuais se esboroam ante a homogeneidade dos grupos enfeixados em suas respectivas escolas literárias. O resultado de todas as informações levantadas por Barreira é despertar o amor do cearense à sua terra amada, não sem razão que dentre os critérios de seleção para compor sua *História da Literatura Cearense* o autor privilegia *intelectuais artistas* que falaram de sua terra natal, apesar de distante, independente de suas respectivas naturalidades. O que importa é divulgar o nome do Ceará, mesmo a partir de uma literatura coberta por secas e

¹⁰ Eis, de forma resumida a posição social dos abolicionistas cearenses: José Correia do Amaral, sócio do pai em sua casa comercial de ferragens; Antônio Cruz Saldanha, montou casa de negócios comerciais em Fortaleza; José Teodorico de Castro, exerceu funções comerciais no estabelecimento, Boris Freire, significativa empresa comercial dos tempos da febre algodoeira, nas décadas de 60 e 70 na segunda metade do século XIX. José Barros da Silva, trabalhou na Bolsa do Comércio. Francisco Florêncio de Araújo, abriu casa de comércio de tecidos na Praça do Ferreira, centro de Fortaleza, liquidou o negócio e depois empregou-se na Campanha Ferrocarril. Manoel Albano Filho, o pai era um dos irmãos Manoel Francisco, José Francisco e Antônio Francisco onde se estabeleceram sob a loja Albano & Irmão, importante loja comercial da época. Joaquim José de Oliveira Filho, livreiro, filho e sócio do pai, que foi dono da reputada Livraria Oliveira, estabelecida na Praça do Ferreira; Antônio Dias Martins, foi caixeiro de escrita, mais tarde, funcionário da Alfândega, dirigiu vários órgãos de imprensa em Fortaleza. Alfredo Salgado, exerceu o cargo de caixa da Singlehust & Cia, de Liverpool, havia sido guarda-livros da firma viúva Salgo, comércio onde sua mãe era sócia. Viaja para a Europa e se forma em comércio na Inglaterra. Raimundo Maciel, comerciante que esteve em Fortaleza por algum tempo comercializando em seus armazéns diversos gêneros, dentre eles, café. Luís Xavier da Silva e Castro, foi professor primário no interior do Ceará e vindo para Fortaleza consegue o cargo de escrevente do cartório de órfãos. GIRÃO, Raimundo. *A abolição no Ceará*. 3^o. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1969. pp. 79-85. SILVA, Pedro Alberto de Oliveira. *História da escravidão no Ceará: das origens à extinção*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002.

epidemias em outras plagas literárias. Este foi o preço que custou a Alencar, enquanto responsável por divulgar lá fora que existe um Ceará na República das letras brasileiras.

Depois do trabalho de Dolor Barreira, o trabalho que mais contribui para o estudo de uma *história das ideias cearense*, devido a seu teor informativo, apesar das limitações já descritas, são os artigos esparsos lançados ora pela *Revista do Instituto do Ceará*, ora pela *Revista da Academia Cearense de Letras*, a primeira academia de letras do país, surgida em 1894. O que se percebe nestes trabalhos é a continuidade do pensamento de Dolor Barreira, no sentido de pontuar a sequência dos movimentos beletrísticos cearenses, esboçando o *pontapé inicial* das atividades literárias, seja a partir da plêiade de poetas para o recitar de odes e ditirambos, em torno do palácio do governador Sampaio, denominado *Oiteiros*, que surge 1813¹¹, seja com a *Fênix Estudantal*, fundada por Rocha Lima, que integrou a Academia Francesa, em 1873.

Na esteira destes trabalhos, segue o artigo do futuro padreiro-mor Antônio Sales, *História da Literatura Cearense* (SALES, 1939). Citado por Dolor Barreira quando do questionamento com relação à “baliza” inicial das letras cearenses, que para Sales iniciava-se com a publicação da poesia do poeta cearense Juvenal Galeno com suas *Lendas e Canções populares*, em 1856, este trabalho se mostra de grande relevância por ser um dos trabalhos tomados de análise não só por Barreira, como por outros estudiosos locais para a compreensão da historiografia literária cearense, “Preparando para historiar e registrar em sua história literária somente escritores que contribuíram para a expansão do meio literário cearense” (SALES, 1939, p. 257), a preocupação maior de Sales é com a divulgação da Literatura cearense no sul do Brasil, buscando também ser conhecido na República das letras do país.

Contrário à Dolor Barreira, Mario Linhares, Braga Montenegro, Mozart Soriano Aderaldo, dentre outros, para quem, apesar das adversidades do meio, o Ceará possuía seus filhos ilustres como José de Alencar, Capistrano de Abreu, Clóvis Bevilacqua, Rocha Lima, Araripe Junior, Barão de Studart, Antônio Sales desconsidera escritores como José de Alencar e

¹¹ Para José Veríssimo, “esses saraus literários eram uma reminiscência ou repercussão do que se fazia na velha ARCÁDIA LUSITANA que florescera, em Portugal, de 1756 a 1770, ou, mais perto de nós, entre os poetas do grupo brasileiro que luziu, em Minas, pelos fins do século XVIII e “em que, a par do americanismo nascente, se ostentam formas do gosto que os árcades em Portugal haviam defendido e exemplificado”, nos diz Fidelino de Figueiredo, o eminente autor de LITERATURA PORTUGUESA”. VERÍSSIMO, José. Op. Cit. BARREIRA, Dolor. *Associações literárias e científicas no Brasil, e particularmente no Ceará-Oiteiros*. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo I, 1943. pp. 148-196.

Clóvis Bevilacqua. Como já mencionado, o propósito maior do padeiro era ver sua 'literatura cearense' conhecida noutros meios literários, objetivo da Padaria Espiritual, criada por este.¹² Sales, por este motivo, considera o baiano Rodolfo Teófilo, mais tarde integrante de seu grupo, o maior escritor cearense por que contribuiu para a expansão do meio literário cearense. Mas, o que cabe ressaltar é que Moacyr Jurema (Antônio Sales), apesar de divergir de outros *homens de letras* salienta a participação do próprio meio para o florescimento dos aspectos beletrísticos cearenses.

Num meio constituído por raças indígenas, caboclas e europeias, arroteada por um solo pobre, fadado às constantes secas, o Ceará se tornou alheio durante todo o século XVIII, enquanto a civilização se instaurava por meio de seus heróis que eram seus *homeros*, os poetas que figuravam em Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro, abrigados nas academias literárias. Para Sales, a própria colonização tardia do Ceará explica em parte o marasmo e a indiferença das letras em um meio avesso ao florescimento da ciência e das belas artes. O flagelo das secas era o maior entrave ao desenvolvimento da atividade literária, mas era justamente este empecilho a singularidade dessa atividade literária. O que degradava e assolava o Ceará de tempos em tempos, com seu constante estado de miséria, vitimando milhares de pessoas de fome e desorganizando a vida material era o que diferenciava e singularizava o povo cearense, formando um tipo heroico, valente e forte. A vitalidade, a fortaleza e o heroísmo do tipo cearense algumas vezes era canalizada para as letras, gerador de verdadeiros vultos literários.

Por isso mesmo, o autor, assim como grande parte dos polígrafos que se espreitam sob os aspectos socioculturais cearenses, tomam o meio como pano de fundo para explicar um certo *atraso* do Ceará em relação a outros estados brasileiros. Assim, Sales logo se prontifica a elucidar alguns vultos cearenses encarcerados em seus respectivos grupos. Da *Academia Francesa* ressalta o motivo de ter inserido este grupo em sua breve *História da Literatura Cearense*. Segundo eles a Academia se revelou "um acontecimento de caráter excepcional, de significação elevada e efeitos inestimáveis para os nossos destinos literários" (SALES, 1939, p. 259). Com relação ao movimento abolicionista do início da década de 80, ressalta

¹² Segundo o próprio Antônio Sales, certa vez sabendo da formação do *Club Literário* e sua *Quinzena* formado por João Lopes, Antônio Martins, Álvaro Martins, Oliveira Paiva e outros, para aderir ao grupo de intelectuais redigiu um soneto que meteu por baixo da redação sob seu pseudônimo, para só assim integrar o grupo. BARREIRA, Dolor. Op. Cit., p. 121.

que este não foi apenas um período “em que toda gente fez versos”, mas um período ímpar da história cearense. No movimento dos homens da Academia Francesa, Sales superestima a ‘genialidade plástica’ de Rocha Lima, fadado a morrer precocemente aos 23 anos, “Todos os grandes pensadores e artistas lhe eram familiares e nesse superior convívio o seu critério científico assumiu proporções assombrosas para a sua idade e para o meio, como demonstraram os seus trabalhos, ora enfeixados com o título de CRÍTICA E LITERATURA” (SALES, 1939, p. 259)

Vimos nesta citação, de forma sutil, a relação que o autor elabora entre as condições materiais e as ideias do crítico literário. Raimundo Antônio da Rocha Lima possuía uma capacidade mental não condizente com os aspectos do meio cearense. Por mais largo e polissêmico que seja este termo, nota-se a relevância deste no surgimento das atividades literárias cearenses. Tomando sempre este elemento como fundamento de suas análises, Sales pretende divulgar a literatura cearense noutros estados brasileiros. Não sem razão que seu trabalho procura pontuar e relevar os traços regionais cearenses a partir dos verdadeiros romances, fotografando a realidade de um povo sofrido em decorrência das agruras das secas.¹³

Para Antônio Sales a naturalidade do escritor não é o fator mais importante para ter destaque em sua *História da Literatura Cearense*. O que mais interessava ao criador da Padaria Espiritual é mostrar no Rio que há atividade literária no Ceará. Seria o próprio Sales, tempos depois, o maior agraciado destas relações, pois manteria contato com personagens famosos das rodas literárias cariocas, vindo a trabalhar em importantes jornais no Rio (BÓIA, 1984).

¹³ Os romances sempre tocam na problemática das secas. *A Normalista*, do padeiro Adolfo Caminha, possui como enredo a vinda de uma retirante do interior que passa a estudar na Escola Normal. Maria do Carmo é entregue a seu padrinho, João da Mata, porque seu pai se dirige ao Pará para tentar melhores dias. A grande seca de 1877 é a causa da vinda de Maria do Carmo do interior para Fortaleza. Obra que reflete o poder científico no âmbito das letras, introduzindo assim o *Naturalismo* no Ceará, o romance de Adolfo Caminha pretende “fotografar” os costumes de uma provinciana Fortaleza, mais preocupada com os fatos da vida alheia com seus mexericos, e com um mundanismo falso e hipócrita, do que com as reais preocupações “civilizatórias”. Um dos personagens do romance, o futuro bacharel Zuza, filho do coronel Souza Nunes, estudante da Faculdade de Direito de Recife, afirma que, em relação ao Recife, Fortaleza é uma “*terra de bugres*”. Outro padeiro que se debruçou sobre o fenômeno das secas foi Rodolfo Teófilo. Ainda de linhagem remota com os Feitosas, senhores feudais da região sul cearense, o autor, nascido por “acidente” na Bahia, é um dos literatos da época que retrata as mais esdrúxulas atitudes políticas por parte da oligarquia aciolina, e foi o maior escritor sobre secas. Teófilo escreveu *A Fome*, romance que narra a vinda do fazendeiro Manoel de Freitas na Grande Seca de 1877 para a capital. Freitas emprega tudo que tinha, até o último grão de farinha, para poder chegar a Fortaleza, e se depara com cenas horripilantes de múmias escaveirados, corpos esqueléticos e nauseabundos sendo chupados por morcegos gordos que sequer conseguem levantar vôo, em meio aos desmandos políticos que caracterizavam a época.

Othon Costa, prefaciando o livro de Mário Linhares (1948), *História Literária do Ceará*, ressalta a influência do Rio, segundo o escritor a alma da literatura genuinamente brasileira era formada pelas literaturas regionais. Cabe ressaltar que esta alma, este sentimento que identificava o Brasil, caracterizando, pois, uma “História da Literatura Brasileira”. Essa é a razão da inserção da obra *História Literária do Ceará*, de Mário Linhares em nossa análise historiográfica, como também porque esta obra pontua os mais significativos movimentos literários. Seguindo Costa a história da literatura brasileira é composta pelas diversas manifestações literárias que se desenrolam nas demais províncias. Esta é a explicação do prefaciador da obra de Mário Linhares para a inserção de sua *História da Literatura Cearense*. No prefácio comentado vemos a presença de um meio hostil a qualquer expansão ‘civilizadora’ para o surgimento e alvorecer das belas letras brasileiras.

Independente de tais análises, o que sobressai das ideias de Othon Costa como do próprio Mário Linhares, é a participação do meio frente no surgimento das letras cearenses. É o meio geográfico ou as condições físicas de uma determinada sociedade sujeita aos ininterruptos flagelos e misérias que acabam determinando o futuro das atividades letradas. Esta visão determinista é o que prevalece, porque a problemática das secas ocupa a vasta produção da literatura cearense. Devido às imposições do meio, hostil não só ao florescimento da prosa e da poesia como também de outros elementos civilizadores, *bandeirante* era o ser que se aventurava nas atividades do espírito. Mas este bandeirante, forte por natureza, por *vocação objetiva* (ADERALDO, 1986) poderia fazer medrar as letras, mesmo diante das poucas condições deste meio.

Aqui se percebe o sutil artifício elaborado pela crítica cearense que é supervalorizar as condições de um meio inóspito, criando vultos literários desconsiderando o perfil sociológico desses vultos, que eram pessoas bem estabelecidas. A crítica literária toma o meio e as condições materiais o fundamento analítico das atividades intelectuais dos homens de letras. É a partir das condições materiais, dos aspectos geográficos, fadado às grandes crises climáticas que se assenta a crítica literária. Provém das adversidades do meio geográfico a luta pela sobrevivência, surgem daí os homens de letras que confeccionam seus tipos valentes e fortes, corajosos, hospitaleiros, sobretudo, filhos apaixonados por sua terra natal, que jamais esquecem esta esteja onde estiverem. ‘Intelectuais artistas’, os literatos que retratam o solo cearense tomam as adversidades do meio em busca do belo, do sublime, com o objetivo de apaixonar o leitor (CAMINHA, 1999). A literatura serve como um bálsamo,

contrabalançando o sofrimento de uma população desassistida, pobre, miserável e analfabeta, marcada pela corrupção de pequenos grupos, que estão no poder se servindo da tradicional prática do personalismo. É no campo literário que a imagem do cearense se faz, o Ceará gerava seus filhos ilustres jamais esquecidos de sua terra natal. Linhares registra e pontua os filhos do Ceará:

Quem superou José de Alencar na concepção e na beleza do romance, no Brasil?

Juvenal Galeno não é ainda considerado o nosso maior poeta popular? Quem se avantajou a João Brígido como jornalista panfletário? Clovis Bevilacqua não traçou, com mão de mestre, o projeto do nosso Código Civil, nivelando-se aos maiores juristas mundiais? Araripe Júnior devotando-se à crítica, mercê de uma vasta cultura e de uma alta visão objetiva, não foi o mais sereno analista das nossas letras? Há maior autoridade no conhecimento das minuciosidades da história pátria, que Capistrano de Abreu?

Raimundo de Farias Brito não culminou na filosofia? Alberto Nepomuceno, na música? José Avelino, no jornalismo? Heráclito Graça, na filosofia? Thomas Pompeu, na geografia? Moura Brasil na oculística? Barão de Studart, na investigação e vultos do Ceará? Oto Alencar, na matemática? Paula Ney, na sátira? Tristão de Araripe na jurisprudência? E Justiniano de Serpa, na tribuna parlamentar? (LINHARES, 1948, p. 18)

Mário Linhares, assim como Othon Costa, assume a visão conservadora de uma historiografia determinista que avalia o desenvolvimento da capacidade literária regional a partir das forças do meio. Em nenhum momento essa historiografia se pergunta pelas condições sociais e econômicas dos escritores, pelo contrário, só nubla a análise social de escritores intelectuais medianos, que se diferenciavam do restante da população pobre, assolada pelas secas, e analfabeta.

A análise para a compreensão historiográfica literária de Mário Linhares não poderia ser tão próxima ao pensamento de Mozart Soriano Aderaldo, integrante do Instituto do Ceará, e sua *História Literária do Ceará*. Neste trabalho, Soriano Aderaldo pontua os mesmos vultos elencados por Linhares, caracteriza a “valentia” e “hospitalidade” do cearense e afirma ser a raça ou o povo cearense um ‘povo’ marte e heroico que carrega em si uma *vocação objetiva*. Seu pensamento historiográfico reduz-se às mesmas condições materiais, resultado das condições mesológicas assumidos pela historiografia cearense tradicional. Essa é a singularidade do cearense explicitada por seus caracteres físicos e morais, onde a literatura representa todo este quadro. Conforme Soriano Aderaldo, “foi me dado dizer em oportunidade

outra, e agora o repito, que o gritante paradoxo entre a pobreza econômica e a riqueza intelectual do Ceará provém da intensidade da competição, obrigando o cearense a buscar apoio para a sua classificação social nas vitórias intelectuais, reproduzindo destarte opinião abalizada do sociólogo Abelardo Montenegro”.

O polígrafo toma as condições materiais (econômicas) decorrentes em parte das condições mesológicas para criar o tipo cearense valente, resultando por vezes, em vultos literários das terras alencarinas (CARVALHO, 1899). O autor não faz mais que criar um tipo regional, corroborando a ideologia de escritores de mentes geniosas. O autor recorre à questão das secas como pano de fundo para explicar o sentido da literatura regional, tornando indispensável a exploração dessa temática. O que mais interessa a Soriano Aderaldo, assim como à crítica literária é a busca por elementos que sirvam de suporte ao surgimento de uma literatura intrinsecamente ligada às condições do meio, “A literatura desse povo, a cultura cearense e as artes em nosso Estado haveriam de refletir, inexoravelmente essa tendência que espanta e por isso nem sempre tem sido compreendida lá fora” (ADERALDO, 1986, p. 8)

Essa tendência a que se refere o autor é o ilimitado desejo do cearense de se interessar por suas tradições, sendo, vocacionado ou predestinado ao mundo das letras, o que caracteriza uma afirmativa no mínimo ideológica, mascarando uma realidade que a própria crítica sempre chamou atenção, a de que o Ceará foi sempre indiferente às letras, argumento que promoveu o surgimento do *Club Literário* e da *Padaria Espiritual* que prometiam subtrair a provinciana Fortaleza do marasmo intelectual.

É justamente em função de um meio nada promissor, acometido pelas constantes crises climáticas, somados a uma atividade jornalística que não engatava as discussões literárias que surgem os vultos literários fabricados pela crítica literária cearense. Os polígrafos estão interessados “na baliza inicial” das belas letras cearenses. Do amplo quadro dessa atividade literária cabe ao historiador da literatura arrolar os grêmios literários e seus integrantes, e quando é o caso, citar figuras de capacidade geniosas, como Capistrano de Abreu e Rocha Lima, integrantes da *Academia Francesa*.

Crítica historiográfica

A produção ensaística está marcada paixão dos velhos tempos de 'Fortaleza de outrora', 'Fortaleza Velha', onde apesar das limitações já mencionadas, a cidade vivia tempos harmônicos com sua bela estética, sua arquitetura *art nouveau*, seus cafés, os encontros de famílias, causando saudades dos tempos de outrora. São trabalhos de cunho memorialístico, sem a intenção de mostrar choques de classes, esquecendo-se a situação privilegiada do escritor, do aluno que frequentou o ateneu ou educandário, instituições da pequena elite. As ideias são soltas, constituem pequenos ensaios e crônicas com o intuito de mostrar uma cidade harmônica, seduzindo o leitor a 'Fortaleza Amada'. Essa produção ensaística, de crônica ou de memória histórica solidifica o pensamento de Dolor Barreira.

A crítica literária está preocupada em traçar o quadro da literatura cearense, que para Dolor Barreira tem início com os *Oiteiros*, em sua ótica o pontapé inicial das letras cearenses. Nessa estrutura saudosa o leitor é convidado a conhecer 'Fortaleza Antiga', 'Fortaleza Velha', 'Fortaleza de Ontem a Anteontem' se identificando com uma terra que distribuiu seus escritores pelo resto do Brasil, o que é paradoxal, e que depois do Rio era a cidade onde a atividade literária era menos apagada (BARREIRA, 1948, p. 148)

Não se vê uma Fortaleza conflituosa, com suas tensões e problemas sociais marcados pela pobreza da população vitimada pelas secas. O objetivo da crítica é produzir vultos literários, para isto recorre às carências do meio, criando tipos valentes e fortes, alguns com capacidade intelectual e literária ímpar que se sobressaem ao restante da sociedade, mostram-se verdadeiros gênios, merecendo figurar no cenário da literatura nacional. Os fatores políticos e as condições econômicas só são lembradas para criar homens valentes ou fortes que fazem jus a uma cidade instalada sob a insígnia da violência (SILVA FILHO, 2001), onde o colonizador nunca se interessou em povoar, pois Fortaleza nasceu das bases de instalações de defesas entre os colonos e corsários, interessados em suas riquezas minerais¹⁴.

¹⁴ Foram três as expedições colonizadoras empreendidas pelos conquistadores ao Ceará. A primeira comandada por Pero Coelho de Souza em 1603, instalando seu forte nas margens do Rio Ceará, dando o nome de São Tiago, Nova Lusitânia ou Nova Lisboa. A segunda comandada por Martins Soares Moreno instalando-se no forte São Sebastião. E finalmente a terceira expedição colonizadora se processou pelo holandês Matias Beck sob o comando do major Joris Gartsman. Fixando-se nas proximidades do Rio Pajeú, Telha ou Majoraitiba, (terra das palmeiras), aí se processaria todo o povoamento de Fortaleza. O Forte Schoonemborch, nome do governador holandês do Recife, "liquidara o valimento e prestígio do Siará dos primeiros dias da exploração. Se algumas estacas dêle ficaram, cobriram-nas as areias, as bolçosas dunas que têm sido o sudário de muitas intenções da geografia humana. GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza*. Imprensa Universitária do Ceará, 1959. pp. 51-61; ainda do mesmo autor. *O Ceará Pré-Histórico. Os nativos e sua organização familiar. As primeiras tentativas de colonização*. Edição comemorativa do primeiro centenário do Instituto do Ceará. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986. *A cidade do Pajeú*. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1982.

Contrário a essa crítica mencionamos o trabalho de José Ramos Tinhorão, *A Província e o Naturalismo*. Tinhorão que, na maioria dos seus trabalhos se deteve aos aspectos da música popular brasileira, neste trabalho, propõe um novo olhar sob os movimentos literários surgidos em Fortaleza a partir de 1870. Analisando a atividade dos grêmios literários da capital cearense, Tinhorão coloca questões não problematizadas pelos trabalhos mencionados, tais como: possuíam estes movimentos uma gratuidade? Visavam os interesses somente de sua classe social?

Tinhorão não apenas situa as sociedades literárias como revela a instrumentalização das ideias por parte dos setores médios assegurando que os escritores visavam atingir cargos públicos, desconstruindo assim a ideia de gratuidade dos grêmios literários. Para Tinhorão, os movimentos beletrísticos engendrados pela Mocidade Cearense estava intrinsecamente ligado a emergência de setores médios, atuantes na cidade, num momento de expansão das relações do capital não mais ligado a terra, mas sim ao comércio, em suas diversas frentes. O autor não está preocupado na análise estilística de “arte literária” como elabora a crítica literária porque entende que os movimentos literários se inserem de uma forma ou de outra no sistema econômico capitalista, o que lhe faz afirmar

Até hoje, a falta de um raciocínio dialético, capaz de compreender a evolução das produções intelectuais como um processo paralelo ao da produção material e da evolução das classes, subordinou a crítica e a história ao estudo do ponto de vista dos que se propõem a tais estudos. O resultado é que – tal como se dá em outros campos do “pensamento”, como o filosófico e da cultura em geral – esses críticos e historiadores tomam o ponto de vista da sua classe no seu tempo, como a expressão final e definitiva dos fenômenos estudados, que explicam através de uma série de exemplos destinados a ratificar o seu ponto de vista. Assim, quando pretendem ter chegado à verdade total, os pósteros vêm a descobrir que eles conseguiram apenas definir a sua participação no processo (TINHORÃO, 1966, p. 8)

Para Tinhorão, o que determinou o surgimento dos movimentos literários juntamente com os gabinetes de leitura foi o caráter prático das atividades letradas, o que parece contraditório, pois os intelectuais sabiam que o modo de produção capitalista não lhes reservava qualquer futuro numa província onde as práticas letradas eram ditadas pela força política de homens poderosos, de famílias que participavam ativamente dos jornais locais. Se, por um lado, o sistema econômico então vigente, frente à ampliação do capital aos mercados europeus a partir da segunda metade do século XIX, viu o surgimento de bancos e ferrovias, abrindo

espaço no funcionalismo público jamais visto, para o *homem de letras* de cultura mediana, restava os cargos públicos ou por exemplo, a atuação literária em algum jornal, o que poderia garantir sua ascensão social. Desse modo, os movimentos das artes e das letras, apesar de correrem paralelos a outras atividades econômicas impostas pelas forças do capital representavam os anseios da pequena elite intelectual num momento de transição da economia agrária para a industrial. Portanto, é insustentável a ideia de “arte pela arte” ou de “mera gratuidade” dos movimentos literários cearenses.

Adentrando sua obra, percebe-se que os movimentos intelectuais não se revestiram de “mera gratuidade”, haja visto terem surgidos sob a iniciativa particular.¹⁵ Tinhorão inicia seu estudo acreditando na instrumentalização das ideias por que os movimentos intelectuais possuem fins práticos ou econômicos, numa sociedade urbana já estratificada, que já conta com uma incipiente classe média. Todos os movimentos literários surgidos em Fortaleza foram encabeçados por classes médias urbanas que buscavam a ascensão social numa estrutura econômica que inviabilizava o florescer das coisas do espírito, como a arte (poesia) e a literatura, visavam respaldar os interesses e as posições de uma pequena elite ilustrada na estrutura maior das relações capitalistas.

Conforme Tinhorão, o setor social a que pertenciam os “intelectuais artistas” detentores de um “capital simbólico” que o sistema não abarcava, viviam o cenário de uma sociedade analfabeta e miserável, presos às grandes tipografias, daí o desespero de busca de garantia da sobrevivência de vida. Por isso, a razão da formação de grupos literários tão bem levantado

¹⁵ Os trabalhos analíticos de Michel Foucault que têm em vista o Poder, principalmente *Vigiar e Punir* e *Microfísica do Poder* destoam de uma análise marxista que centra o poder nos aparelhos do Estado. De acordo com Foucault, não existe o poder e o não-poder, espécie de coisa onde este possa estar, mas sim correlações de forças, onde o poder não se faz necessariamente por uma linha descendente que sai do Estado em direção à sociedade civil. Nenhum poder se faz somente pela força, eis aí o caráter positivo que nos faz pensar numa estrutura de micro poderes encapados por gestos, palavras, etc, que não são nem mais nem menos que poderes, mas o próprio poder. Há toda uma estrutura de poder que para Foucault nada os escapa, seja por meio de um disciplinamento, seja pelo poder que possui as ciências sociais que somente se estabelecem porque possuem um determinado poder. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: 12^o ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996. *Vigiar e Punir. Nascimento da prisão*. Petrópolis. Vozes, 1987. Já Platão, na “*República*”, indicava a teoria do Rei-filósofo, levada a cabo, tempos depois, por Aristóteles, especificamente na *Política*, onde o filósofo por entender e conhecer as leis deve reger e ser o administrador da cidade grega, constituído, uma espécie de demiurgo. Para uma análise detida entre “campo intelectual” e “campo político” ver FORTES, Luiz R. Soares. *O Iluminismo e os reis filósofos*. 4^o ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. *Os Intelectuais e o Poder na Construção da Memória Nacional*. “Revista Tempo Brasileiro, 1986. BORDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. RAMA, Angel. *A cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense. 1985.

por Leonardo Mota (1994)¹⁶. A *Academia Francesa*, grupo que contou com a participação de Rocha Lima, divulgou o avanço das técnicas científicas e dos valores burgueses num período em que Fortaleza vivenciava um conjunto de transformações urbanas rompendo com o quadro de economia agrária (TAKEYA, 1995; MONTENEGRO, 1996; NOGUEIRA, 1978; HOBBSAWM, 1996).

Percebemos que José Ramos Tinhorão propõe um outro determinismo em relação à historiografia tradicional. Não são as condições do meio que balizam e dão sentido às atividades literárias, mas sim o “modo de produção” que engendra e determina os movimentos culturais. Cabe ressaltar que Dolor Barreira atina para o fator econômico apenas influenciando as atividades intelectuais, de modo a afirmar que “economia pobre, literatura pobre”, mas não se percebe em Barreira a visão determinista como notamos nas análises de Tinhorão. O escritor elabora uma “sociologia da cultura” e uma relação entre “campo intelectual” e “campo político”, chegando a apontar a dependência dos intelectuais a grandes tipografias.

Tinhorão procura salientar o interesse de determinadas classes por meio da atividade literária. Contrariando o posicionamento de Tristão de Ataíde, para quem o movimento da *Academia Francesa* constituiu-se fundamentalmente como movimento filosófico¹⁷, para Tinhorão, tal movimento sagrava não só os avanços do capital com suas representações como, por exemplo, o surgimento da iluminação a gás, o abastecimento de água, a estrada de ferro Baturité, reverberava a filosofia experimental a partir das ideias do positivismo e do evolucionismo (TINHORÃO, 1966)

Da análise determinista de José Ramos Tinhorão propondo os meios de produção (as forças de produção) como balizador das atividades letradas no Ceará, sobretudo em Fortaleza, contrariando a historiografia clássica que toma as condições mesológicas como principal elemento na formações dos grupos de estudo e grêmios literários, o trabalho do sociólogo

¹⁶ Tamanha foi a infinidade de grêmios literários que segundo Leonardo Mota: “Era intuito meu abrir este trabalho com uma vista panorâmica sobre quantas sociedades beletrísticas o Ceará tem tido. Com esse propósito cheguei a anotar cento e tantos grêmios literários e gabinetes de leitura que vicejaram ou vicejam nesta capital e no interior do estado. Abandonei a ideia, porque a enunciação dos societários, de seus programas e realizações determinaria um prefácio de proporções desconformes. Imagine que só a Academia Polimática arrebanhou para mais de um milheiro de espirituais confrades”. MOTA, Leonardo. *Padaria Espiritual*. 2ª ed. Fortaleza: UFC / Casa de José de Alencar, 1994. p. 26.

¹⁷ Dolor Barreira aborda seu pensamento a partir da célebre divisão de Tristão de Atayde para quem o Ceará teve três movimentos intelectuais, quais sejam: Academia Francesa (filosófico), o lítero-político em torno do *Libertador* e a *Quinzena*, e estritamente literário que foi o grupo da Padaria Espiritual. Op. Cit., p. 83.

João Alfredo Montenegro, integrante do Instituto do Ceará, se volta para a análise de uma história das ideias cearenses, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, época da disseminação das ideias científicas, carecidas pela nova ordem política, social e econômica do momento.

João Alfredo Montenegro (1996), em *História das Ideias Filosóficas da Faculdade de Direito do Ceará*, percebe a instrumentalização das ideias de Spencer, culminando na ideologia de progresso natural das sociedades. Embora a postura do autor não seja determinista como pontuamos nos trabalhos até aqui analisados, Montenegro enxerga a efervescência das ideias no naturalismo europeu datadas a partir da publicação do livro de Darwin, *A origem das Espécies*, em 1869, tendo por base as mudanças econômicas do período.

As teorias do positivismo, do determinismo e do evolucionismo defendiam, ideologicamente, a luta por uma nova sociedade, progressista e urbana, condizente com os anseios dos nascentes setores urbanos, embora tais grupos tivessem raízes na aristocracia agrária. Esses 'ismos' representavam a mudança para uma nova ordem progressista, indo de encontro do conservadorismo e do pensamento católico, marcados pelo ecletismo e pela metafísica. Nessa perspectiva, a *Academia Francesa* e seu expoente máximo, Rocha Lima, eram a representação direta do liberalismo filosófico, pois a atividade intelectual do crítico literário jamais desceu às classes subalternas, resumindo-se na elite burguesa da cidade e camuflando as reais lutas de classes (MONTENEGRO, 1996, p. 18)

Não há alusão ao nome de Marx, como na obra de Tinhorão, mas sim a concepção dialética da luta de classes. Conforme o escritor, o grupo de Rocha Lima anuviou as reais desigualdades sociais de uma província pobre coberta pelo flagelo das secas. João Alfredo Montenegro não trabalha a movimentação de ideias a partir de uma flexibilidade maior entre os campos intelectual e político, se reduz a associar a disseminação destas a favor dos interesses da burguesia comercial. Seu trabalho pode ser compreendido a partir da relação entre os novos estratos médios e a mentalidade científica da segunda metade do século XIX, tônica clássica da historiografia brasileira (ALONSO, 2002). O trabalho do sociólogo está situado entre o determinismo da historiografia tradicional e o determinismo de José Ramos Tinhorão. Apesar das limitações por nós salientadas, a principal questão dos dois últimos escritores é a identificação da instrumentalização das ideias em benefício de determinados grupos. Os dois trabalhos combatem a visão da historiografia tradicional assentada nas

condições mesológicas, sempre precárias, donde o surgimento dos tipos vaqueiro, pescador, caçador, ou mesmo de vultos literários.

Com relação ao grupo leitor das ideias científicas, de modo específico, da filosofia experimental, Montenegro argumenta que esse repertório de leituras representava os anseios de burguesia nascente de Fortaleza, realidade distante da população em geral. O cientificismo da *Academia Francesa* e tempos depois, do naturalismo disseminado pelo *Club Literário* em torno de seu jornal *A Quinzena*, refletiam o ideário de intelectuais espalhados pelos cursos de direito e de medicina. Para o sociólogo as ideias foram utilizadas para a instalação de uma nova ordem econômica, diferente da conjuntura anterior. Nesse sentido, as ideias de Rocha Lima refletiam o interesse da elite urbana, excluindo por meio do discurso filosófico as camadas populares afligidas pelos problemas de sobrevivência (MONTENEGRO, 1996, p. 19)

Este trabalho integra uma historiografia progressista. O determinismo de João Alfredo Montenegro já não é o determinismo das condições mesológicas que torna o cearense um predestinado à glória ou ao sucesso em sua *vocação objetiva*, nem se trata do determinismo das atividades intelectuais ligadas as transformações atravessadas pelo mundo do capital. Para o sociólogo, as ideias estão ligadas as classes, sejam estas liberais ou conservadoras, como por exemplo, o conservadorismo em torno do jornal *A Tribuna Católica*, que entrou em colisão com as ideias da *Geração 1870*, no Ceará (MONTENEGRO, 1992).

Considerações Finais

As ideias do naturalismo europeu ecoaram nos mais distantes lugares do mundo. Considerado como saber científico, as várias tendências do determinismo, do positivismo e do evolucionismo, foram assimiladas pela geração de jovens estudantes - alunos de algumas instituições particulares (educandários) -, dos liceus e divulgadas pelos movimentos literários que foram frequentes em Fortaleza, a partir de 1813.

Após a visão romântica que estilizava e escamoteava os reais problemas, o espírito científico embasou uma nova leitura social. A crítica literária cearense tomou os parâmetros mesológicos e deterministas como fundamentais para explicar os motivos do 'atraso' cearense. Recorrendo a nomes célebres da ciência da época, como Darwin, Buckle e

Spencer, a preocupação maior da crítica historiográfica formada pela atividade literária e seus movimentos era superar os inúmeros problemas, no campo social, econômico e político, com o objetivo de inaugurar a fase do progresso, identificada com o momento republicano que estaria por vir.

Na esteira desse cabedal de leitura, surgia a formação dos 'tipos cearenses', que apesar das adversidades do meio, chegava a ser forte o suficiente para resistir as diversidades deste. Os movimentos letrados repercutiram esse arsenal de ideias, representação direta dos interesses de um seleto grupo de jovens pequeno burgueses. Os conceitos de raça, caráter nacional, civilização e progresso, regionalismo, permearam as discussões literárias dos movimentos surgidos em Fortaleza desde 1813.

Fontes

BEZERRA, Antônio. *O Ceará e os Cearenses*. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

BRÍGIDO, João. *Ceará (Homens e Fatos)*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Fortaleza: Verdes Mares Ltda, 1997.

_____. *Cartas Literárias*. Fortaleza: EUFC, 1999.

Bibliografia

ADERALDO, Mozart Soriano. *Renascimento Literário Cearense*. Prefácio. In: A Quinzena. Propriedade do Clube Literário. Ed. fac-sim. Fortaleza: BNB / ACL, 1984.

_____. *História Literária do Ceará*. Dos "Oiteiros ao grupo clã". Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986.

BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1948.

BÓIA, Wilson. *Antônio Sales e sua época*. Fortaleza: BNB, 1984.

CARVALHO, Rodrigues de. *O Ceará literário (nestes últimos dez anos)*. Revista da Academia Cearense. Fortaleza: v. 4, 1889.

GIRÃO, Raimundo. *Evolução histórica Cearense*. Fortaleza: BNB, ETENE, 1985.

_____. *Geografia estética de Fortaleza*. Edições UFC/ Casa José de Alencar, 1983.

_____. *O Ceará pré-histórico: os nativos e sua organização familiar. As primeiras tentativas de colonização*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986.

LINHARES, Mário. *História Literária do Ceará*. Col. História da Literatura Brasileira. 1º Tomo. Rio de Janeiro: Academia Carioca de Letras, 1948.

MONTENEGRO, Abelardo F. *História das ideias filosóficas da Faculdade de Direito do Ceará*. Fortaleza: EUFC, 1996.

_____. *O trono e o altar: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978)*. Fortaleza: BNB, 1992.

MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. 2ª. ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar /UFC, 1995.

NOGUEIRA, Francisco de Alcântara. *O pensamento cearense na segunda metade do século XIX: em torno do centenário de R. A da Rocha Lima*. Pref. de Pinto Ferreira. Fortaleza; Instituto Brasileiro de Filosofia. (Secção do Ceará). Sociedade Cearense de Geografia e História, Casa de Juvenal Galeno, 1978.

OLIVEIRA, Almir Leal de. *O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Memória, representações e pensamento social (1887-1914)*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

RODRIGUES, José Honório. *A Historiografia Cearense na Revista do Instituto Ceará*. In: Índice anotado da Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1959.

SILVA FILHO, Antônio Luiz. *Fortaleza: imagens da cidade*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.

SOBRINHO, Tomás Pompeu. *O Ceará – aspecto fisiográfico e antropogeográfico*. In: O Ceará. MARTINS FILHO, Antônio & GIRÃO, Raimundo. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1939.

TINHORÃO, José Ramos. *A Província e o Naturalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.